

umas.com asoutras

TROCANDO IDEIAS
SOBRE O MUNDO DIGITAL

CICLO DE WEBINÁRIOS DA
UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA



04

ACESSIBILIDADE

POR UMA AGENDA FEMINISTA ANTICAPACITISTA

Fechando o Ciclo de Webinários **UMAS COM AS OUTRAS**, o debate no dia 27 de agosto de 2020 abordou o tema “Acessibilidade”. O assunto escolhido para esse encontro reflete um movimento da Universidade Livre Feminista, que há alguns anos tem procurado inserir as discussões sobre anticapacitismo como conteúdo do debate político e das formações que promove. A conexão com o Coletivo Feminista Helen Keller, que reúne mulheres com deficiência de diferentes partes do Brasil, tem sido fundamental para o nosso aprendizado neste campo de atuação.



A articulação das discussões sobre acessibilidade com nossos debates sobre educação à distância, redes sociais e cuidados digitais trouxe uma série de novas questões para seguirmos pensando sobre a forma como nos comunicamos, o uso que fazemos de imagens e textos, entre tantas outras coisas.

É muito comum que as ferramentas de acessibilidade sejam incluídas depois que projetos ou conteúdos já estejam finalizados. É como se a acessibilidade fosse um complemento incorporado ao conteúdo ao final do processo,



mas não exigisse a transformação da ideia em si mesma. No caminho que trilhamos neste ciclo de webinários, fomos percebendo que algumas coisas precisam ser concebidas já incluindo a perspectiva da acessibilidade.

Para construir espaços mais diversos, precisamos construir culturas de comunicação e formação mais acessíveis. Nesse sentido, acreditamos que a inserção das ferramentas de acessibilidade nos webinários cumpriram duas funções. A primeira, e mais importante, foi tornar os debates acessíveis para as pessoas com deficiência. A segunda foi suscitar o debate

CICLO DE WEBINÁRIOS

111

pessoas
inscritas

13

mulheres com
deficiência

Uma **audiodescritora**
e uma **intérprete na Linguagem
Brasileira de Sinais** (Libras)
para cada um dos encontros

Respostas ao questionário
de avaliação dos webinários



50%

não conhecia o recurso da
audiodescrição antes destas
atividades



10%

já tinha participado de
atividades que contavam
com esse recurso

entre as pessoas sem deficiência sobre a importância destes recursos.

A incorporação dessas ferramentas e o debate que promovemos também trouxeram como efeito a multiplicação dessa discussão para outros espaços de militância feminista e para a produção de conteúdo nas redes sociais promovida por companheiras que acompanharam os webinários.

Na esfera dos afetos, a experiência foi também bastante sensível e significativa para as pessoas ouvintes e videntes, que puderam acionar outros sentidos no modo como percebemos o mundo. As imagens traduzidas em palavras, a audiodescrição de cores de peles, roupas e cabelos dizem tanto sobre cada uma de nós e nos levam a notar detalhes que passavam despercebidos. A interpretação em Libras, por sua vez, trouxe movimento e forma para as palavras. A implementação de recursos de acessibilidade, portanto, além da fundamental importância para a inclusão das pessoas com deficiência e para a luta anticapacitista, tem a potência de nos trazer novos aprendizados e descobertas **umas com as outras.**



CONVIDADAS

O debate no quarto webinar foi conduzido por três companheiras integrantes do Coletivo Feminista Helen Keller: Cris Kenne, Fatine Oliveira e Isadora Nascimento. Através das experiências de cada uma delas, discutimos como tornar as comunicações na Internet mais acessíveis e ampliamos a acessibilidade nas relações e espaços educacionais.

Cris Kenne foi mediadora do debate e responsável pela audiodescrição das imagens neste encontro e nos webinários anteriores. Ela é uma mulher branca com cabelos bem curtos, lisos e escuros. Mineira que mora em Porto Alegre (RS) há dez anos, Cris já trabalhou com fotografia e estudou cinema. Hoje trabalha com a inclusão das pessoas com deficiência nos ambientes escolares e laborais e é audiodescritora, atuando com projetos dentro das redes sociais. Também realizou uma pesquisa sobre a mediação de leitura usando as ferramentas da audiodescrição e atualmente tem se interessado muito pela

conversa sobre acessibilidade comunicacional, especialmente na Internet. É colaboradora da Universidade Livre Feminista.

Fatine Oliveira é uma mulher de pele clara, cabelos curtos encaracolados com pontas alouradas. É publicitária e designer, e atualmente faz mestrado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desenvolvendo uma pesquisa sobre fotografia de mulheres com deficiência no Instagram. Fatine é autora do blog “Disbuga”, onde fala sobre a vivência das pessoas com deficiência e sobre feminismo.

Isadora Nascimento é uma mulher negra com cabelos escuros e lisos. Ela tem 24 anos e é graduada em Direito. Isadora nasceu com baixa visão e produz conteúdo para redes sociais na página @olharcotidiano, na qual compartilha suas vivências, dicas e reflexões a partir da sua perspectiva de pessoa com deficiência visual.

O QUE É ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL?

A acessibilidade comunicacional pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos, práticas e ferramentas que permitem que a informação seja acessada por todas as pessoas, sem que haja exceções ou exclusão. Em outras palavras, ela proporciona independência e autonomia às pessoas que têm necessidades específicas para acessar um conteúdo e não está restrita à Internet, mas se estende a outras mídias e espaços, como a TV, cinema, teatro, jornais, etc. A acessibilidade comunicacional tem um papel fundamental no âmbito político e de democratização dos espaços.



“Em um momento de pandemia, nós temos a Organização Mundial da Saúde (OMS) que recebe críticas pela falta de acessibilidade em seus comunicados. E a gente sabe que são informações que podem salvar uma vida, especialmente quando falamos de pessoas [com deficiência] que estão no grupo de risco para Covid-19.”

Cris Kenne

RECURSOS



DE ACESSIBILIDADE NA INTERNET

À primeira vista, construir os recursos de acessibilidade no ambiente digital pode parecer mais simples do que transpor as dificuldades enfrentadas no espaço urbano. Contudo, ambos requerem planejamento desde a concepção dos projetos e uma mudança de atitude em relação às pessoas com deficiência.

Para a produção e publicação de conteúdo nas redes sociais, já existem alguns recursos disponíveis, como a audiodescrição, as legendas automáticas ou feitas por profissional estenotipista e intérpretes de libras. Os recursos de acessibilidade também atendem pessoas com deficiência intelectual ou que tem baixo letramento. Nesses casos é importante que a informação seja clara e objetiva, sem o uso de palavras rebuscadas ou de difícil compreensão.

“Muitas vezes são soluções simples, mas a pessoa sem deficiência não pensou nisso porque não faz parte do cotidiano dela. Não dá pra falar de acessibilidade sem falar de diversas outras questões que estão relacionadas ao comportamento, a como a sociedade compreende a pessoa com deficiência.”

Fatine Oliveira

LEGENDAS

A **legendagem** de vídeos é um recurso utilizado para atender a pessoas com deficiência auditiva ou outros públicos: pessoas com dificuldade de concentração, pessoas com deficiência intelectual e pessoas ouvintes que assistem a programas de TV sem áudio (por exemplo em clínicas e estabelecimentos comerciais). Pode ser usada também em pequenos vídeos publicados em redes sociais, como os stories no Instagram.

Muitas plataformas digitais já realizam a legendagem automática, como o YouTube e o Instagram. Mas sempre que possível, é importante revisar e corrigir as legendas automáticas, porque podem conter erros de transcrição.

Na realização de atividades transmitidas ao vivo, é importante se atentar para a escolha da plataforma, porque muitas delas não contam com a legendagem automática e os softwares que existem nem sempre funcionam bem. Em alguns casos, pode ser necessária a contratação de um profissional estenotipista, que faz a transcrição das falas simultaneamente.

LIBRAS

Libras é a sigla para Linguagem Brasileira de Sinais, formada por um conjunto de gestos utilizados por pessoas com deficiência auditiva para a comunicação entre eles e com outras pessoas ouvintes. Para acessibilizar reuniões e eventos on-line em Libras, é necessária a presença de uma intérprete. O recurso não substitui a legendagem, porque há pessoas surdas que não conhecem essa linguagem.

Sempre que possível, é importante enviar anteriormente para a intérprete de Libras as informações e materiais que serão apresentados durante o evento ou curso para que ela possa se preparar. No caso de apresentações de poesia ou música, a interpretação conta com outra postura facial e corporal. Receber esse material com antecedência permite que a intérprete faça uma tradução poética.



Durante o evento, sempre que houver a apresentação de slides, é necessário dar pequenas pausas para que as pessoas com deficiência auditiva possam ler o conteúdo. A pessoa surda não pode ler os slides e ver a tradução em Libras ao mesmo tempo.

AUDIODESCRIÇÃO

A **audiodescrição** é um recurso que consiste em descrever os elementos de uma imagem tornando-a acessível para pessoas com deficiência visual, mas também é importante para idosos, pessoas com deficiência cognitiva, daltônicos e disléxicos.

O recurso deve ser empregado em vídeos com muitas imagens e poucas falas, em fotos, cards, jornais e até mesmo em novelas, filmes e teatro. O nome do recurso é audiodescrição, mesmo que o conteúdo não seja gravado em voz. Nas redes sociais, por exemplo, a audiodescrição pode aparecer nas legendas das publicações e no formato de texto alternativo. Essa descrição será lida através de programas leitores de tela, disponíveis principalmente para celulares e computadores, e com algumas opções para aparelhos de TV. Para identificar o uso desse recurso no texto pode-se utilizar as hashtags **#ParaCegoVer** ou **#ParaTodosVerem**, seguida da descrição da imagem.

Uma boa audiodescrição deve ser objetiva, procurando evitar adjetivos e observações pessoais. Não se deve definir o que é feio ou bonito, até porque estas são questões subjetivas e o que é bonito para um pode não ser para outro. Recomenda-se seguir uma lógica para começar a descrever, adotando a ordem de leitura ocidental: da esquerda para a direita e de cima para baixo. Isadora Nascimento, do Coletivo Feminista Helen Keller, explica que “uma descrição que vai e volta, descreve primeiro o cabelo, depois vai pro sapato e depois volta pro céu, deixa confuso” e atrapalha o entendimento de quem está ouvindo.

Uma prática importante é descrevermos a nós mesmas quando vamos nos apresentar em um vídeo, encontro on-line ou até mesmo em reuniões presenciais. Além de dizer quem somos e o que fazemos, descrever também nossa cor da pele, cor e comprimento dos cabelos, o que estamos vestindo, entre outros traços também nos identificam.



TEXTO ALTERNATIVO

O **texto alternativo** é uma ferramenta que permite a inserção da descrição da imagem de forma oculta na postagem. A descrição não pode ser vista, mas quando o leitor de telas passa pela imagem ou quando a pessoa toca ou clica sobre ela, o leitor lê a descrição. Esse recurso traz conforto para a navegação de pessoas que usam esse tipo de programa e está disponível na maior parte das redes sociais, além de sites e até mesmo em imagens incorporadas aos e-mails.

O texto alternativo geralmente limita o número de caracteres e por isso não permite uma descrição muito detalhada. Muitos sites têm a opção de descrição automática, mas o ideal é que a gente insira a descrição, porque a opção automática normalmente não traz informações suficientes para a compreensão da imagem. Ela vai se limitar a dizer quais são os elementos da imagem, por exemplo, “a imagem pode conter uma pessoa ao ar livre”, mas não diz como é essa pessoa, detalhando cor da pele, cabelos e

roupas, ou informando se esse espaço ao ar livre é uma rua, um parque, entre outras informações que contextualizam e dão sentido à imagem.

Por ser um recurso que vai ser lido automaticamente pelo leitor de tela, algumas vezes pode haver incompatibilidade entre os programas e ocorrer falhas na leitura do texto. O texto alternativo, portanto, não substitui a descrição de imagem na legenda da postagem que torna o conteúdo acessível para um maior número de pessoas que não usam o leitor de tela. Além de ampliar a acessibilidade, a descrição feita no texto da publicação tem uma função pedagógica: visibiliza a possibilidade e importância da descrição tornando-se um exemplo a ser replicado por outras pessoas.

Por esses motivos, sempre que possível, é importante utilizar os dois recursos simultaneamente, tanto o texto alternativo quanto a descrição da imagem.

LINGUAGEM NEUTRA E ACESSIBILIDADE

A **linguagem neutra** é um recurso utilizado para tensionar a universalidade do masculino na língua portuguesa e um modo de tornar o conteúdo mais inclusivo para pessoas não binárias.

Um recurso bastante utilizado para fugir a esse binarismo da língua portuguesa é a troca dos artigos feminino e masculino por “x”, “e” ou “@”. Para que a leitura dos leitores de tela seja fluida, não se deve usar a substituição dos artigos feminino e masculino por X ou @. O leitor de tela não consegue ler a palavra dessa maneira e confundirá o entendimento do usuário. A opção neste caso pode ser utilizar a substituição pela letra “e”. Por exemplo, a palavra “todos” seria escrita como **“todes”**, no lugar de ser escrita com x (todxs) ou @ (tod@s).

Há ainda outras dicas para uma linguagem neutra que seguem a norma da língua portuguesa e não necessitam da substituição.

- De acordo com as normas da língua portuguesa, quando utilizamos o plural e queremos nos referir, por exemplo, a um grupo que tenha meninos e meninas, devemos utilizar a palavra no masculino: “Os meninos estavam lutando por mudanças”. É como se toda a diversidade do grupo presente estivesse representada quando usamos o plural no masculino, mesmo que só tenha um menino presente. A crítica feita a essa regra gramatical é que ela obscurece a diversidade de gênero presente na cena que queremos descrever.
- Não binárias são as pessoas que não se identificam com o sistema que define os gêneros exclusivamente como masculino ou feminino. Questionar os artigos masculinos e femininos quando estamos falando ou escrevendo um texto é uma forma de incluir essas pessoas na linguagem, revelando que há mais do que apenas essas duas formas de se identificar no mundo.

identidades

Ainda como forma de tensionar a estrutura da nossa língua, algumas pessoas utilizam sempre o feminino, como uma forma de visibilizar a presença das mulheres, já que historicamente essa presença foi obscurecida até mesmo pela própria língua portuguesa. Afinal, se o plural no masculino pode representar todas as pessoas, por que o plural no feminino não pode cumprir também essa função?

neutralizar

"todes"

língua

agrupar

"elu(s)"

"e"

diversidade de gênero

não-binárias

incluir

LIDAMOS COM UMA VISÃO COLONIALISTA DA ACESSIBILIDADE

O debate sobre acessibilidade ainda não está consolidado nos espaços de construção das tecnologias de informação e comunicação. Apesar da existência desses recursos e ferramentas, muitos deles ainda são desconhecidos para boa parte das pessoas e são pouco divulgados pelas próprias plataformas digitais. Para além da divulgação das ferramentas, é preciso também ampliar a discussão de acessibilidade no campo da comunicação e na produção de tecnologias.

Segundo o relato das convidadas, ainda ocorrem muitas falhas nas ferramentas de acessibilidade disponíveis nos ambientes virtuais, especialmente a incompatibilidade com programas leitores de tela, o que revela a grande necessidade de investimento para se aprimorar as ferramentas de acessibilidade.

O Facebook realizou uma pesquisa que identificou que a maior parte dos usuários dessa rede social nos Estados Unidos utilizam dispositivos Apple. Para atender a esse público majoritário, a experiência de navegação na rede social está melhor adaptada para esses aparelhos. Trazendo esse dado para o contexto brasileiro, onde um aparelho Apple tem um preço muito alto, somente uma pequena parcela de pessoas têm acesso à melhor experiência de navegação.

“Pensando em internet, a gente sabe que não são todos os sites e redes sociais que têm produtores que criam conteúdos acessíveis.” Isadora Nascimento

“Em uma faculdade de comunicação os alunos não são ensinados a pensar uma comunicação acessível. Pessoas que trabalham com tecnologia, ao fazer aplicativos, muitas vezes desconsideram a necessidade daquilo muito embora isso seja lei.”

Fatine Oliveira

Para além das redes sociais, nos demais sites encontrados na Internet e na pluralidade de atividades e conteúdos que hoje realizamos online, é comum que a acessibilidade seja pensada como adaptação após a conclusão e publicação dos projetos e materiais. Para que uma perspectiva inclusiva seja realmente incorporada, a acessibilidade tem de estar presente desde a idealização dos projetos.

“É sempre o país mais rico que determina quais são os moldes para que os outros países também tenham acesso. A estrutura capitalista que vivemos mostra que mesmo existindo recursos de acessibilidade, ele não é pra todos. A gente está lidando com plataformas e sites construídos nos Estados Unidos. O software de leitor de imagem que é mais utilizado lá não é o mesmo utilizado em outros lugares do mundo. A gente está lidando com uma visão colonialista da acessibilidade.”

Fatine Oliveira

UM GUIA FEMINISTA ACESSÍVEL

O Coletivo Feminista Helen Keller publicou em maio de 2020 a guia feminista **Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania**, projeto que foi concebido sob a perspectiva da acessibilidade. O material foi acessibilizado em Libras e em audiodescrição e teve um processo complexo de produção, em que foi preciso pensar em cada detalhe.

Toda a equipe envolvida precisou pensar em conjunto a escolha de imagens e elementos gráficos, organização do conteúdo, redação do texto para que todos esses aspectos dialogassem com os recursos de acessibilidade adotados.

As imagens têm um lugar importante na forma como nos comunicamos, principalmente nos dias de hoje. Mas muitas vezes inserimos imagens que não vão contribuir diretamente com o conteúdo que queremos transmitir e que acabam causando



Acesse no endereço
https://drive.google.com/file/d/1sS_5cg5sL0ONs2qtDik4v8sNgCcUprg7/view

dificuldades para a audiodescrição. Nesse sentido, é importante avaliar como cada imagem ou detalhe gráfico contribui para o entendimento do material e a partir daí fazer escolhas do que deve ser priorizado. A incorporação da acessibilidade na concepção dos materiais exige que a gente reflita com profundidade sobre a forma como nos relacionamos com as imagens, porque e como as incorporamos.

A atenção aos detalhes precisa ser observada até mesmo na preparação final do arquivo para publicação. Os softwares de edição de documentos em pdf auxiliam nessa etapa, mas foram necessários muitos testes e ajustes até que o material seguisse a ordem de leitura na audiodescrição.

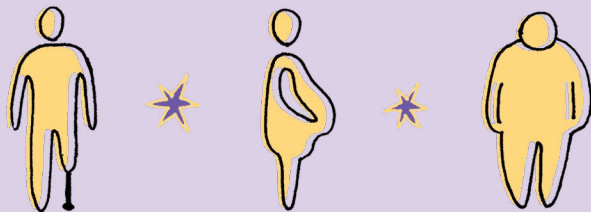
“Deu muito trabalho, mas no final foi muito prazeroso para mim e para as companheiras que participaram da execução desse projeto. Foi muito bonito, tivemos um sentimento forte de pertencimento. A gente conseguiu fazer um material com um conteúdo bacana e principalmente acessível.”

Fatine Oliveira

REPENSANDO OS ESPAÇOS PEDAGÓGICOS

Adotar uma perspectiva anticapacitista, que inclui a acessibilidade como aspecto fundamental na concepção dos projetos, é um aprendizado importante para repensarmos também as nossas práticas pedagógicas. Incorporar as ferramentas de acessibilidade possibilita que os espaços de troca e aprendizado sejam em si mesmos espaços que lutam contra a exclusão.

Garantir a participação com qualidade das pessoas com deficiência abrange muito mais mudanças de atitudes do que puramente escolhas técnicas.



“O que a gente precisa agora é parar, respirar fundo e entender que é possível acessibilizar esses ambientes de uma forma muito objetiva, muito direta e de forma até simples. O que nós precisamos é pensar nas práticas e nas atitudes. Se as nossas atitudes são inclusivas ou não. Se eu conheço a realidade daquela pessoa com quem eu estou interagindo para entender qual é a necessidade dela. Vai muito além da legenda e muito além da audiodescrição.”

Cris Kenne



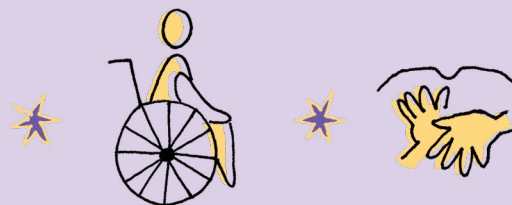
Isso se tornou ainda mais necessário neste momento em que enfrentamos a pandemia de Covid-19. O distanciamento social e as interações à distância tem sido um grande desafio para todas nós. Essa experiência tem colocado em perspectiva a vivência do isolamento, que é tão comum às pessoas com deficiência.

Nem sempre a ferramenta mais fácil e mais utilizada vai ser a melhor opção para garantir um acesso inclusivo. As adaptações tecnológicas precisam levar em conta quem é o público com o qual estamos dialogando.

Pensar sobre as ferramentas de acessibilidade faz parte da reflexão sobre como convidar as mulheres com deficiência para os nossos espaços de diálogo e isso exige que a gente reflita sobre porque essas mulheres não estão nestes espaços.

“A gente não pode nos reservar de realizar encontros e permitir o aprendizado com o outro. Não vai ser fácil, vai ser um desafio porque são realidades completamente diferentes, mas é necessário.”

Fatine Oliveira



CONTEÚDOS ADICIONAIS

DICAS PARA UMA BOA AUDIODESCRIÇÃO

A descrição de imagens pode ser usada antes ou depois da legenda e o ideal é que seja acompanhada de uma hashtag como **#paratodosverem** (evite o uso de `todxs` ou `tod@s` para não confundir o leitor de tela). Essas hashtags são uma referência para pessoas com deficiência visual, além de sua utilização ser uma forma de informar e construir uma cultura mais inclusiva de recursos de acessibilidade dentro das redes.

Seja direta e objetiva na sua descrição.

Descreva o tipo de imagem, se é fotografia, cartaz, card, ilustração, desenho, folder e outros. Mas lembre-se de não usar a expressão "na imagem" em seus textos, pois se está descrito, está na imagem.

Comece a descrever da esquerda para a direita, de cima para baixo (a ordem natural de escrita e leitura ocidental).

Informe as cores da imagem para ajudar pessoas com baixa visão a localizarem o que está sendo descrito e para compartilhar com a pessoa cega o "significado" emocional da cor na obra.

Informe se a fotografia tem filtros, tons de sépia ou preto e branco. Na fotografia colorida, não precisa informar porque as cores já estarão na sua descrição.

Não dê juízo de valor em suas descrições, evite adjetivos e impressões. Se algo é lindo, feio, agradável, a pessoa com deficiência é quem vai decidir a partir da descrição feita

CONTEÚDOS ADICIONAIS

DICAS PARA UMA BOA AUDIODESCRIÇÃO

Não utilize “em torno de” ou “aproximadamente” para qualificar as dimensões estimadas – isto apenas sobrecarrega o texto com excesso de palavras e dificulta a compreensão.

Não utilize o pronome possessivo seu/sua o uso causa confusão ao ouvinte.

Para descrever pessoas comece sempre de cima para baixo: cabelo, olhos, óculos, acessórios, roupas e sapatos. Assim o usuário terá uma compreensão se a pessoa é mostrada de corpo inteiro ou não.

DICAS PARA LEGENDAGEM EM VÍDEOS

O Youtube gera uma legendagem automática dos vídeos, mas a legenda obtida geralmente tem erros de transcrição que poderão ser corrigidos posteriormente.

Para o melhor entendimento do conteúdo, a pessoa com deficiência auditiva necessita de uma legenda que traga todas as pistas sonoras do vídeo. Batidas na porta, tosse, risos, todas as interações sonoras do vídeo devem estar presentes nas legendas entre colchetes [].

CONTEÚDOS ADICIONAIS

DICAS PARA LEGENDAGEM EM VÍDEOS

ALGUNS SITES QUE AUXILIAM NA
PRODUÇÃO DE LEGENDAS PARA VÍDEOS



www.veed.io



www.getsubly.com



www.kapwing.com/subtitles



webcaptioner.com/captioner

ALGUNS APLICATIVOS QUE AUXILIAM
NA CONVERSA COM A PESSOA SURDA
E USUÁRIA DE LIBRAS



handtalk.zendesk.com/hc/pt-br



www.prodeaf.net/

(que foi comprado pela HandTalk)

CONTEÚDOS ADICIONAIS

SITES, APLICATIVOS E PERFIS NAS REDES SOCIAIS PARA CONHECER MAIS SOBRE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

PERFIL DE ISADORA NASCIMENTO



[@olharcotidiano](#)



[/olharcotidiano1](#)

PROJETO AUTONOMIA



[@projeto.autonomia](#)

JANELA DA PATTY



[@janeladapatty](#)

LIBRINHAS



[@librinhas_](#)

ANDRÉA WERNER



[@lagartavirapupa](#)

umas.com asoutras

TROCANDO IDEIAS
SOBRE O MUNDO DIGITAL

CICLO DE WEBINÁRIOS DA
UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA

FICHA TÉCNICA

Organização dos Webinários Cristina Kenne, Fernanda Shirakawa, Sophia Branco e Thayz Athayde
Apoio técnico Daniela Araújo, Déborah Guaraná, Laila Braga
Audiodescrição Cristina Kenne
Interpretação de Libras Simone Dornelles
Edição de Vídeos Maria Cardozo e Roberta Cardoso
Design Isabella Alves
Sistematização dos debates Daniela Araújo, Laila Braga, Sophia Branco e Thayz Athayde
Revisão de Texto Cristina Lima

realização



SOS CORPO

Instituto Feminista para a Democracia



parceria

COLETIVO FEMINISTA
HELEN KELLER

apoio



FORD FOUNDATION



HEINRICH
BÖLL
STIFTUNG
A Fundação Pública Verde



INTERNATIONAL WOMEN'S
HEALTH COALITION



União Europeia



OAK
FOUNDATION

OPEN SOCIETY
FOUNDATIONS